

Indisciplina escolar: um déficit em habilidades sociais

Indiscipline in schools: a social skills deficit

Recebido em: 30/out/2010

Aprovado em: 13/dez/2010

Wellington Faijão – Unisal

E-mail: wfaijao@gmail.com

Gabriela Raeder da Silva Carneiro – Unisal

E-mail: gabriela.carneiro@am.unisal.br

Resumo

Este artigo busca refletir sobre estratégias de intervenções relacionadas à indisciplina em sala de aula, com o objetivo de minimizar comportamentos que interferem no processo de ensino/aprendizagem. Através de programas de treinamento de habilidades sociais busca-se aumentar o repertório social dos alunos, estabelecendo, assim, o desenvolvimento cognitivo e minimizando comportamentos inadequados em sala de aula. Este artigo apresenta uma proposta de intervenção em habilidades sociais em crianças da 9ª série do ensino fundamental, dando ênfase às habilidades de autoconhecimento, relacionamento interpessoal, comunicação eficaz e pensamento crítico. O programa apresenta-se benéfico ao aumento de repertório social para lidar com determinadas situações, uma vez que a população-alvo encontra-se em desenvolvimento físico, psicológico e social. Nesse aspecto destaca-se a importância do psicólogo na escola, com um olhar que busca pesquisar, elaborar novos mecanismos de intervenções e possibilidades de atuação.

Palavras-chave

Habilidades Sociais. Intervenção. Alunos. Repertório Social.

Abstract

This article is focused on strategies of intervention when considering indiscipline at classes. The objective consists in minimize behaviors that have direct influence on teach and learning processes. Through ability training programs is possible to get good results at increasing and developing cognitive development. The article presents an approach on 9th grade of Elementary School emphasizing personal knowledge, interpersonal relationship, communication and critical evaluation. The program shows benefits on increasing tools in order to manage situations that target people are involved in. Physical, psychological and social development have also been considered. That's why the importance of allocating a psychologist at schools could be pointed as a highlight decision that allows to get a better horizon at researching and elaborating new processes and possibilities of action.

Key Words

Social Ability. Intervention. Students and Social Repertory.

Introdução

Vivemos em constante troca de ambientes e mudanças instantâneas, o que faz com que mudemos de comportamento repetidamente e isso nos torna seres adaptativos.

Partindo do pressuposto de que não somos eremitas, mas sim interligados de certa forma uns aos outros e sendo, portanto, integrantes da sociedade, temos direitos e deveres. Surge, dessa maneira, a necessidade de construir relações sociais de forma que haja harmonia e respeito mútuo, resultando, assim, em um ambiente saudável.

Portanto, é imprescindível que a literatura aborde a relação do indivíduo com a sociedade, pois, essa relação é, por vezes, bastante disfuncional.

Este trabalho fundamenta-se nas teorias interacionistas de desenvolvimento que defendem a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo e afetivo-moral do indivíduo.

Deste modo, desenvolvemos um programa de treinamento de habilidade social enfatizando as habilidades de autoconhecimento, relacionamento interpessoal, comunicação eficaz e pensamento crítico, consti-

tuído de dinâmicas e um questionário adaptado de Campos, Del Prette e Del Prette (2000), visando o desenvolvimento do repertório social.

1. O ato de adolescer

O aprender é perpetuado desde a concepção até a morte, deixando, neste período, um grande leque para a investigação, tanto do senso comum, quanto dos meios científicos mais sofisticados. Em seguida conceituaremos a fase da adolescência e suas implicações na fase adulta.

Ela é definida como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, na qual constam mudanças anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais; ou seja, é nessa fase que o indivíduo encontra a sua identidade (ALENCAR, DINIZ, SILVA & SILVA, 2008, BRÊTAS & SILVA, 2004).

Para Osório (1992 apud CANO, FERRIANI & GOMES, 2000, p. 18), na adolescência a personalidade está na fase final e, neste processo, a sexualidade caminha junto e se torna um elemento para a estruturação da personalidade.

Considera-se que esta é uma etapa do desenvolvimento que envolve inúmeras adaptações e mudanças nas capacidades e habilidades pessoais (WAGNER & OLIVEIRA, 2007).

Tais mudanças físicas e psicológicas fazem com que a relação com os pais se revista de nova roupagem, pois estão em uma nova fase; ou seja, o luto pelo corpo infantil cria, assim, uma nova identidade perante a sociedade (CANO, FERRIANI & GOMES, 2000, BASTOS & DESLANDES, 2005).

Assim sendo, a cultura que a família pratica será aquela que o adolescente praticará, ou seja, através da cópia de comportamentos (ALENCAR, DINIZ, SILVA & SILVA, 2008, BRÊTAS & SILVA, 2004).

A literatura alerta que nessa fase do desenvolvimento humano há uma intensa busca de poder e controle sobre si mesmo, adquirindo autonomia, na qual há uma defasagem no repertório comportamental de habilidades sociais. Surge, então, a correlação entre a dependência de substâncias ilícitas e a falta de um repertório de habilidades sociais (WAGNER & OLIVEIRA, 2007, BANDEIRA & COLS., 2006).

2. Habilidades sociais

A seguir segue o pensamento de conceituados autores sobre o tema de habilidade social, sua caracterização e sua função para o desenvolvimento do adolescente.

Os seres humanos passam a maior parte de seu tempo engajados em forma de comunicação interpessoal e quando socialmente habilitados são capazes de promover interações sociais satisfatórias (CABALLO, 1997).

A literatura define o conceito de habilidade social como o conjunto de comportamentos e formas de se expressar atitudes, sentimentos, opiniões e respeito a si próprios e aos outros, ou seja, um constructo descritivo dos desempenhos apresentados pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal (CABALLO, 1997; DEL PRETTE & COLS, 2008; PINOLA, DEL PRETTE & DELL PRETTE, 2007), ou seja, são capacidades comportamentais apreendidas no âmbito de interação social (CABALLO, 1997, DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1998).

Portanto, para a psicologia, o conceito de habilidades sociais refere-se ao conjunto de várias classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar com as demandas das situações interpessoais, incluindo as variáveis culturais (PINHEIRO & COLS, 2006, BANDEIRA & COLS, 2009, CIA & BARHAM, 2009).

Assim sendo, a aprendizagem de habilidades sociais torna-se fundamental para as relações interpessoais, resultando assim em uma interação social satisfatória e harmônica com o meio (CABALLO, 1997).

Encontramos na literatura a diferenciação dos termos de habilidades social de desempenho social e de competência social.

O desempenho social refere-se à emissão de um comportamento ou sequência de comportamentos em uma situação qualquer; como já citado é o conjunto de classes e subclasses de comportamentos sociais no repertório do sujeito para lidar com as demandas das situações interpessoais; o termo competência social é a avaliação dos efeitos do desempenho das habilidades sociais (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2002).

A competência social qualifica a proficiência desse desempenho e se refere à capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores articulando-os às demandas imediatas e mediatas do ambiente (DEL PRETTE & DEL

PRETTE, 2002, BANDEIRA & COLS, 2006, CIA & COLS, 2006).

Assim sendo, o sentido descritivo das habilidades sociais refere-se aos comportamentos diretamente observáveis (classes molares e moleculares da ação) e aos processos encobertos (autoinstrução, cognição, percepções expectativas, etc.) (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2002).

Portanto, as capacidades para os comportamentos socialmente habilidosos implicam no conjunto de iniciação e manutenção de conversações; falar em grupo; expressar amor, afeto e agrado; defender os próprios direitos; solicitar favores; recusar pedidos; fazer e aceitar cumprimentos; expressar as próprias opiniões, mesmos desacordos; expressar justificadamente quando se sentir molestado, enfiado, desagradado; saber se desculpar ou admitir falta de conhecimento; pedir mudança de comportamento do outro e saber enfrentar as críticas recebidas (CABALLO, 1997, CARRACA & BETETTO, 2009).

Então, as habilidades sociais têm como objetivo propor um aprendizado para indivíduos que têm dificuldades de assertividades, visando ensinar estratégias de habilidades nos mais diferentes contextos (WAGNER & OLIVEIRA, 2007).

Outro ponto de relevância que a literatura expõe são os conceitos de comportamento de assertivo, não assertivo e agressivo.

Portanto, assertividade é definida como o processo pelo qual o indivíduo expressa sentimentos, pensamentos de forma adequada, ou seja, utiliza entonação, latência e fluência de falas apropriadas; ouve o interlocutor para então responder de forma a atingir seus objetivos sem prejudicar as relações futuras com o mesmo (ALBERTI & EMMONS, 1978, BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2002).

Comportamento não assertivo é caracterizado quando o indivíduo não expressa seus sentimentos ou pensamentos ao interlocutor, emitindo comportamentos contra a própria vontade, ou deixando de defender-se por medo de prejudicar sua relação futura com o interlocutor, ou seja, não alcança os objetivos desejados (ALBERTI & EMMONS, 1978, BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2002).

O comportamento agressivo atinge os objetivos esperados, mas o emissor ofende e desvaloriza o interlocutor, ou seja, magoa as pessoas, portanto não permite aos outros o direito de escolha (ALBERTI & EMMONS, 1978, BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2002).

Já as dificuldades interpessoais são caracterizadas por duas esferas principais, sendo elas os internalizantes e externalizantes.

Comportamentos internalizantes são caracterizados por expressões em relação ao próprio indivíduo – por exemplo a depressão, isolamento social, ansiedade e fobia social; comportamentos externalizantes são caracterizados por expressões em relações com as outras pessoas – por exemplo a agressividade física ou verbal, comportamentos opositores ou desafiadores, condutas antissociais e comportamento de risco (CIA & BARHAM, 2009, BOLSONI-SILVA & COLS., 2005, BANDEIRA & COLS., 2006, GONÇALVES & MURTA, 2008, BOLSONI-SILVA & COLS., 2009).

Portanto, comportamentos antissociais são caracterizados como o grande desencadeante que irá prejudicar as relações interpessoais (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2008).

Tais comportamentos são o resultado de um pobre repertório de habilidades sociais, como falta de empatia, expressão de sentimento e resolução de problemas, no que se refere à competência do sujeito, fatores cognitivos e emocionais como baixa autoestima, baixo auto-conceito, crenças e atribuições disfuncionais (CIA & BARHAM, 2009, BANDEIRA & COLS., 2006).

Assim sendo, a literatura ressalta que quanto maior for o déficit de habilidades sociais, maior será a frequência de problemas de comportamentos (CIA & BARHAM, 2009).

A falta de repertório de habilidades sociais gera assim um déficit de estratégia para o indivíduo se prevenir de situações aversivas (BANDEIRA & COLS., 2006).

O comportamento agressivo pode ocorrer em função da ausência de alternativas no repertório comportamental do indivíduo (PACHECO & GOMES, 1999, PINHEIRO, 2006).

Portanto, se o indivíduo possui um grande repertório de comportamento social, ele terá maior índice de probabilidade para uma trajetória satisfatória na sua vida (CIA & BARHAM, 2009, BOLSONI-SILVA & COLS., 2006).

Sendo assim, comportamento socialmente habilidoso ocorre quando se consegue expressar atitudes, sentimentos positivos e negativos, opiniões e desejos respeitando a si próprio e os outros, resoluções de

problemas imediatos nas situações e que venha consequentemente reduzir problemas futuros (BOLSONI-SILVA & COLS., 2009).

A literatura alerta como é de extrema importância a interação social para o desenvolvimento, e que o ambiente onde as crianças estão expostas pode ser um fator diferencial para o sucesso das mesmas (CAMPOS & COLS., 2000).

3. Habilidades sociais educativas

Como vimos a uma vasta gama de possibilidade de trabalhos em torno do conceito de habilidade social, aqui a ênfase é dada no contexto educativo e suas implicações para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade.

Portanto, é na infância que o desenvolvimento das habilidades sociais é fundamental, visto que se torna mais eficiente para a prevenção de comportamento inadequado e consequências futuras (BANDEIRA & COLS., 2009).

Portanto, a interação social é de fato a mais importante base para as relações sociais e quando desde cedo o indivíduo encontra um ambiente favorável para o desenvolvimento, ele se torna mais saudável (CIA & COLS., 2006).

Habilidades Sociais Educativas são definidas como intenções voltadas para a promoção e desenvolvimento da aprendizagem do outro, formal ou informalmente, portanto a infância é um período de aprendizagem de habilidades sociais (CIA & COLS., 2006, DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2008, MURTA, 2005).

Resulta assim, na conclusão que se a criança consegue desenvolver um grande repertório de habilidades sociais, tornando-o um fator de proteção, a mesma irá se tornar um sujeito sadio (BANDEIRA & COLS., 2009).

O desenvolvimento das habilidades sociais torna-se um fator preventivo, visto que a interação positiva com os colegas, professores e familiares desencadeia o sucesso do indivíduo. Tais habilidades são aprendidas no contexto familiar, escolar e comunitário (BOLSONI-SILVA & COLS., 2006, CIA & COLS., 2006).

No âmbito de habilidades sociais educativas, as práticas educativas são caracterizadas com o desempenho interpessoal relacionado às autotregas, a relação positiva com os pais, assertividade para manter um bom diálogo, a leitura do ambiente – que desenvolve a capacidade de

obter êxito nos diálogos – e, por fim, a expressão de sentimentos positivos que auxilia na formação de autoconceito satisfatório da criança (BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2002).

Habilidades sociais educativas como: transmitir e expor conteúdos; medir interações; apresentar atividades; discriminar situações potencialmente educativas; estabelecer limite e disciplina; gerar reciprocidade positiva; promover a avaliação e autoavaliação são consideradas como promovedoras do desenvolvimento de repertório social da criança (CIA & COLS., 2006).

Portanto, a competência social para a criança é vista como fator de proteção e de potencialização no desenvolvimento da criança. Por meio das habilidades sociais educativas, a criança assimila papéis e normas sociais (CIA & COLS., 2006).

Na literatura encontramos os conceitos de estilos parentais reativos e proativos, sendo dois eixos de comportamentos de pais/cuidadores em relação ao desenvolvimento das habilidades sociais educativas.

O eixo de estilos parentais reativos refere-se à forma negativa, sendo irresponsável, não se preocupando com as necessidades básicas dos filhos, agindo de forma agressiva e ameaçadora. Em contrapartida, o estilo parental proativo é aquele que se preocupa com as necessidades básicas e com o desenvolvimento biopsicofisiológico da criança (BANDEIRA & COLS., 2006).

Portanto, a escola com o papel parental proativo está em um contexto preventivo, uma vez que o professor tem o papel de identificar os alunos com dificuldades (BOLSONI-SILVA & COLS., 2005).

Nesse aspecto, quando o professor consegue organizar efetivamente a atividade, compartilha seu modo de trabalho, levando então a um alto favorecimento para o desenvolvimento do aluno (DEL PRETTE & COLS., 1998).

No contexto apresentado, a escola tem o dever de colaborar com o desenvolvimento de habilidades sociais das crianças/adolescentes, uma vez que o ambiente familiar degradado não é propício para tal desenvolvimento, tornando os professores como propulsores de saltos comportamentais (BOLSONI-SILVA & COLS., 2005).

Saltos comportamentais são definidos como as mudanças no processo de desenvolvimento importantes para o indivíduo ou para a espécie, pois permite que a criança entre em contato com contingências

relevantes para o aprendizado, seja social, seja acadêmico, resultando em outras habilidades (BOLSONI-SILVA & COLS., 2006, BOLSONI-SILVA & COLS., 2005).

Validando essa ideia, a literatura afirma que se as crianças já no início da escolarização encontram professores que dão apoio para tais saltos, fortalecem assim um mecanismo de defesa, elaborado por habilidades sociais (BORGES & MARTURANO, 2009, BANDEIRA & COLS., 2006).

Assim sendo, no desenvolvimento de habilidade social, no âmbito escolar, temos que levar em conta duas etapas: a de avaliação e a de intervenção.

A avaliação tem por objetivo identificar os déficits ou excesso de comportamento com seus antecedentes e consequentes, respostas emocionais concomitantes e crenças distorcidas que estejam colaborando para a manutenção de comportamentos inadequados. Portanto, a intervenção é composta de técnicas como entrevistas, inventários, autorregistro e observação (MURTA, 2005).

No referencial teórico apresentado acima, surge o programa de intervenção denominado como habilidade de vida, partindo do pressuposto da Organização Mundial da Saúde que visa desenvolver habilidades para enfrentamento de situações de risco, sendo elas, abusos de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, violência no trânsito e morte por acidente (MURTA, 2005).

As habilidades desenvolvidas nesse programa são: tomadas de decisão, resolução de problemas, pensamento crítico, pensamento criativo, comunicação eficaz, relacionamento interpessoal, autoconhecimento, empatia, lidar com emoções e lidar com estresse (MURTA, 2005). Portanto, o objetivo central do programa de habilidades de vida através de dinâmicas é desenvolver capacidades emocionais, sociais e cognitiva (MINTO & COLS., 2006).

Assim sendo, segue a definição dos conceitos trabalhados no programa:

Autoconhecimento é a capacidade de reconhecimento que cada indivíduo tem em si mesmo, das suas habilidades e limites; relacionamento interpessoal é a habilidade de fazer, manter, aprofundar e terminar um relacionamento; empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, imaginando como este se sente, procurando compreender e não julgar; lidar com os sentimentos diz respeito à capacidade de reconhecer as próprias emoções e as do outro, tomar consciência de quanto elas influenciam o comportamento e como manejá-los adequadamente; lidar com o estresse é a capacidade de reconhecer as fontes

de estresse e identificar ações para reduzi-las ou eliminá-las; comunicação eficaz é quando agimos assertivamente com as opiniões, os sentimentos, as necessidades e os desejos; pensamento crítico é definido como a capacidade de analisar informações e/ou situações a partir de diferentes ângulos; pensamento criativo é quando temos a capacidade de explorar alternativas disponíveis no dia a dia; tomada de decisão é quando analisamos os benefícios, riscos e consequências de uma situação; resolução de problemas é a capacidade de enfrentar construtivamente as situações adversas, utilizando capacidades pessoais e recursos do meio (MINTO & COLS., 2006, p. 564-566).

Sendo assim, o trabalho realizado em grupo desenvolve a troca de experiência entre os participantes, aumentando assim o repertório de habilidade social dos envolvidos (MINTO & COLS., 2006), ou seja, quando damos oportunidades do adolescente falar sobre si, sobre seus sentimentos, suas crenças e atitudes, isso é considerado um fator de desenvolvimento de habilidades sociais, o que favorece o seu desenvolvimento no cotidiano (MINTO & COLS., 2006).

Concluimos que programas dirigidos ao desenvolvimento das habilidades sociais, enfatizando a importância das relações interpessoais, são extremamente necessários, uma vez que o convívio em sociedade pode ou não colaborar com o desenvolvimento do indivíduo.

4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

4.1 *Sujeitos*

A partir dos pressupostos teóricos apresentados, desenvolvemos uma intervenção que foi realizada com 23 alunos da 9ª série do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Americana/SP, sendo 11 do sexo masculino e 12 do sexo feminino com idade média de 15 anos.

4.2 *Procedimentos*

O programa foi dividido em duas etapas:

- A primeira etapa realizada no segundo semestre de 2009 de caráter investigativo com o objetivo de observação, levantando necessidades e planejamento.
- A segunda etapa foi realizada no primeiro semestre de 2010, com a aplica-

ção do programa de intervenção segundo Campos, Del Prette e Del Prette (2000), que foi subdividido em duas etapas e posteriormente houve a avaliação dos resultados. A primeira etapa constituiu-se na aplicação de dinâmicas e debates, visando desenvolver as habilidades de autoconhecimento, relacionamento interpessoal, comunicação eficaz e pensamento crítico. Já a segunda etapa constituiu-se na aplicação de um questionário que englobou as quatro habilidades trabalhadas.

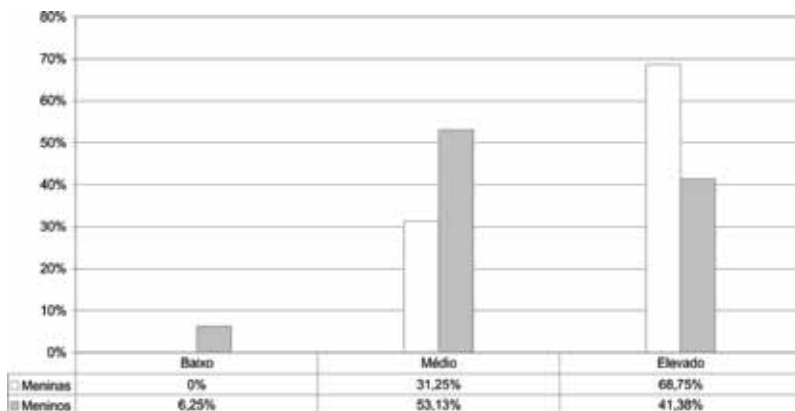
Para a autorização das respostas do questionário, os responsáveis pelos adolescentes assinaram um consentimento de esclarecimento e ético, preservando os dados pessoais de cada participante.

Para mensurar os resultados do programa adaptamos um questionário de Campos, Del Prette e Del Prette (2000), com questões alternativas, no qual pudemos tabular os resultados em baixo, médio e elevado.

4.3. Resultados e discussão

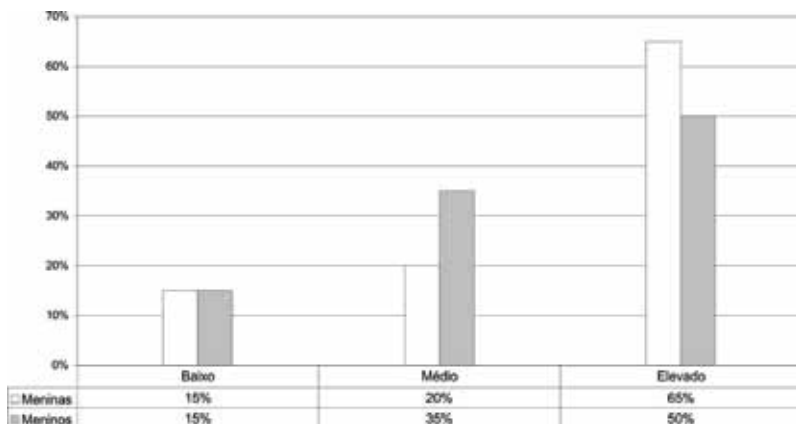
Os resultados obtidos através desse programa de intervenção estão expostos em quatro gráficos comparativos entre a população masculina e a feminina. O Gráfico 1 representa a habilidade de autoconhecimento, o Gráfico 2, habilidade de comunicação eficaz, Gráfico 3, habilidade de pensamento crítico e, por fim, o Gráfico 4, habilidade de relacionamento interpessoal.

Gráfico 1 – Comparativo de resultados na habilidade autoconhecimento (n=23).



O gráfico acima mostra a frequência dos sujeitos de acordo com os níveis de habilidade em autoconhecimento, sendo assim a população feminina apresentou um escore de 68,75% no nível elevado; no nível médio ela apresentou 31,25% e, por fim, o nível baixo apresentou um escore de 0%. A população masculina apresentou um escore no nível elevado de 41,38%, no nível médio 53,13% e, por fim, no nível baixo, 6,25%, demonstrando assim que a população feminina encontra-se em ascensão no aspecto de habilidade de autoconhecimento. Entretanto, a população masculina apresentou escores próximos no nível médio (53,13%) e no nível elevado (41,38%), com uma diferença de 11,75%, indicando, assim, carência na população masculina no autoconhecimento.

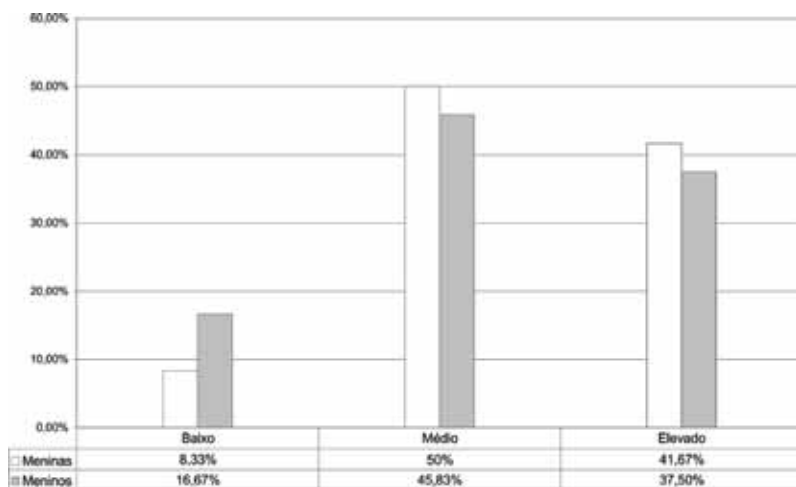
Gráfico 2 – Comparativo de resultados na habilidade de comunicação eficaz (n=23).



No gráfico 2 apresentam-se as frequências dos sujeitos de acordo com os níveis de habilidade em comunicação eficaz, portanto a população feminina apresentou um escore de 15% no nível baixo, no nível médio, 20% e, por fim, no nível elevado apresentou-se um escore de 65%. A população masculina apresentou um escore no nível baixo de 15%, no nível médio, 35% e, por fim, no nível elevado, 50%, demonstrando assim que as duas populações encontram-se em ascensão no aspecto de habilidade de comunicação eficaz. Entretanto,

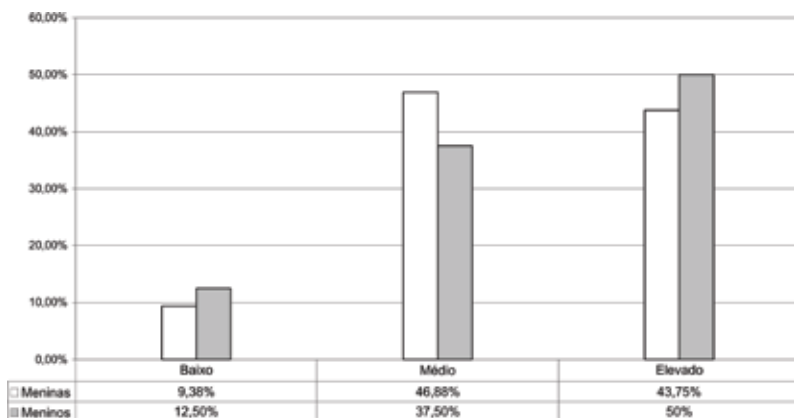
to, a população feminina apresentou 15% a mais do que a população masculina, indicando assim o desenvolvimento dessa habilidade na população feminina.

Gráfico 3 – Comparativo de resultados na habilidade de pensamento crítico (n=23).



Apresenta-se no gráfico 3 as frequências dos sujeitos de acordo com os níveis de habilidade em pensamento crítico, sendo assim, a população feminina apresentou um escore de 8,33% no nível baixo, no nível médio 50% e por fim no nível elevado apresentou um escore de 41,67%. A população masculina apresentou um escore no nível baixo de 16,67%, no nível médio, 45,82% e por fim no nível elevado, 37,50%; indicando na população feminina proximidade no nível médio (50%) e no nível elevado (41,67%), sendo uma diferença de 8,33%, ou seja, a amostra feminina está em desenvolvimento na habilidade de pensamento crítico. Na população masculina também há uma proximidade de escores no nível médio (45,83%) e elevado (37,50), com uma diferença de 8,33%, porém no nível baixo, a população masculina demonstra um escore de 16,67%, indicando o rebaixamento do desenvolvimento nessa habilidade.

Gráfico 4 – Comparativo de resultados na habilidade de relacionamento interpessoal (n=23).



O gráfico 4 apresenta as frequências dos sujeitos de acordo com os níveis de habilidade de relacionamento interpessoal, portanto a população feminina apresenta escores de 9,38% no nível baixo, no nível médio, 46,88% e por fim no nível elevado apresentou um escore de 43,75%. A população masculina apresentou um escore no nível baixo de 12,50%, no nível médio, 37,50% e, por fim, no nível elevado, 50%. Isso indica na população feminina proximidade no nível médio 46,88% e no nível elevado 43,75%, com uma diferença de 3,13%, demonstrando que a população feminina se desenvolve de forma equilibrada nessa habilidade. A amostra masculina apresenta uma ascensão nos resultados, demonstrando que a população masculina tem aspectos favoráveis para essa habilidade, apesar de que no nível baixo os escores tanto masculino (12,50%) quanto feminino (9,38%) apresentam-se altos para o desenvolvimento do relacionamento interpessoal.

O estudo presente objetivou em desenvolver um programa de habilidades sociais como meio de intervenção na indisciplina escolar, dando ênfase em quatro habilidades (autoconhecimento; comunicação eficaz, pensamento crítico e relacionamento interpessoal).

Sendo assim, através dos resultados da população feminina, as habilidades de autoconhecimento e comunicação eficaz concentram maior frequência no nível elevado, porém, nessas habilidades observa-

-se a ascensão do nível baixo para o elevado, já nas habilidades de relacionamento interpessoal e pensamento crítico encontra-se uma maior frequência no nível médio.

A população masculina apresenta as habilidades de autoconhecimento e pensamento crítico em maior frequência no nível médio, já as habilidades de comunicação eficaz e relacionamento interpessoal obteve uma maior frequência no nível elevado, porém na habilidade de comunicação eficaz apresentou na análise dos gráficos uma ascensão do nível baixo para o elevado, assim como na população feminina, e uma evolução na habilidade de relacionamento interpessoal.

Através da comparação dos resultados apresentados no quesito elevado, nas habilidades de autoconhecimento (GRÁFICO 1) e comunicação eficaz (GRÁFICO 2), a amostra feminina demonstrou um nível superior à da população masculina, sendo esse resultado hipoteticamente observado no desenvolvimento das dinâmicas, já na análise dos gráficos (GRÁFICO 3), pensamento crítico e (GRÁFICO 4) relacionamento interpessoal, a amostra feminina concentrou maior frequência no nível médio, porém, com pouca diferença no nível elevado.

Em contrapartida, a análise dos gráficos na amostra masculina (GRÁFICO 1) autoconhecimento e (GRÁFICO 3) pensamento crítico obteve maior frequência no nível médio, porém na comunicação eficaz (GRÁFICO 2) e relacionamento interpessoal (GRÁFICO 4), a amostra masculina encontra-se em ascensão do nível baixo para o nível elevado.

Portanto, em toda a amostra, a população masculina e feminina tem o desenvolvimento da habilidade de pensamento crítico, com maiores escores no nível médio; já no conceito de autoconhecimento, a população masculina encontra-se no nível médio, tendo um processo de evolução lenta em comparação com a população feminina que está em uma evolução rápida e constante.

Na habilidade de comunicação eficaz, as duas populações permanecem com maiores escores no nível elevado, porém as duas populações têm seus escores constantemente subindo do nível baixo para o elevado, ou seja, em desenvolvimento positivo.

Por fim, na habilidade de relacionamento interpessoal, a população masculina tem sua frequência maior no nível elevado, porém com escores subindo positivamente do nível baixo para o elevado. Portanto a

população feminina tem sua maior frequência no nível médio, ou seja, essa habilidade é a única que a população masculina encontra-se superior que a população feminina.

Através da análise, fica evidente que na adolescência o desenvolvimento das habilidades sociais, tem suas características distintas e peculiares, tanto na amostra feminina como na masculina, ou seja, na amostra feminina tem seu desenvolvimento mais rápido que na população masculina.

7. Conclusão

Apesar do fato da amostra ser restrita, dificultando a generalização, esse estudo afirma que programas de treinamento de habilidades sociais propiciam a melhora na aprendizagem, reduzindo a indisciplina, uma vez que pode minimizar comportamentos inadequados e maximizar comportamentos socialmente habilidosos (CIA & COLS, 2006).

Portanto, temos os dados indicando que a amostra feminina apresenta ter mais habilidades no conceito de autoconhecimento, pensamento crítico e comunicação eficaz, do que a amostra masculina que, por sua vez, apresenta ter um relacionamento interpessoal mais eficaz em comparação com a amostra feminina.

Entretanto, a amostra feminina apresenta escores elevados no nível médio, indicando que são trabalhadas as habilidades nessa população, com ênfase no relacionamento interpessoal que apresenta um maior déficit.

Encontramos na amostra masculina um déficit nas habilidades de autoconhecimento, pensamento crítico e comunicação eficaz. Já a habilidade de relacionamento interpessoal apresenta-se superior.

Na comparação entre as amostras, evidenciaram-se dificuldades observáveis nas quatro habilidades trabalhadas nesse programa, uma vez que a maior parte da população encontra-se no nível médio.

Ao final do processo, identificou-se melhora nos quesitos apresentados, principalmente na amostra feminina, minimizando a indisciplina na classe.

Portanto, é introduzida na literatura a expressão síndrome normal da adolescência, que justifica alguns aspectos observados nesse estudo, no qual as características são: a busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso;

deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; uma separação progressiva dos pais; e constantes flutuações de humor e do estado de ânimo (ABERASTURY & KNOBEL, 1989, p. 29).

O processo de desenvolvimento de habilidades sociais é subjetivo, independentemente de sexo, sendo o ambiente (familiar, escolar e círculos de convivência) fator que irá contribuir com a eficácia de comportamentos socialmente habilidosos, prevenindo comportamentos inadequados em qualquer ambiente que o sujeito esteja inserido (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2008).

Tendo um novo olhar para a psicologia escolar, juntamente com profissionais da educação, é possível colaborar efetivamente para o desenvolvimento do indivíduo na área do desenvolvimento humano entrelaçando com as habilidades sociais.

Concluimos que programas de treinamento de habilidades sociais são de extrema importância para o desenvolvimento do adolescente. Apesar de essa pesquisa ter uma amostra reduzida, levanta-se o questionamento: por que as meninas têm um desenvolvimento de habilidades mais avançado do que os meninos?

Portanto há um campo de pesquisa a ser desvendado no desenvolvimento humano.

Referências bibliográficas

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ALBERTI, R. E., & EMMONS, M. L. (1978). *Comportamento assertivo: um guia de autoexpressão*. Belo Horizonte: Interlivros.
- ALENCAR, Rúbia de Aguiar et al. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. *Ciênc. educ.* (Bauru), Bauru, v. 14, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2009.

BANDEIRA, Marina et al. Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 11, n. 2, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

BANDEIRA, Marina et al. Validação das escalas de habilidades sociais, comportamentos problemáticos e competência acadêmica (SSRS-BR) para o ensino fundamental. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 25, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 nov. 2009.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; PAIVA, Mariana Marzoque de; BARBOSA, Caroline Garpelli. Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: um estudo de caracterização. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini et al. Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: comparando avaliações de mães e de professoras. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria; MANFRINATO, Jair Wagner de Souza. Mães avaliam comportamentos socialmente “desejados” e “indesejados” de pré-escolares. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 10, n. 2, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria.

Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 7, n. 2, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

BRETAS, José Roberto da Silva; SILVA, Conceição Vieira da. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 18, n. 3, set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002005000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2009.

CABALLO, Vicente E. *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*. São Paulo: Santos, 1997. 873 p.

CAMPOS, Tatiane Neme; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. (Sobre)vivendo nas ruas: habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000300019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692000000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 nov. 2009.

CARRARA, Kester; BETETTO, Mariana de Freitas. Formação ética para a cidadania: uma investigação de habilidades sociais medidas pelo inventário de habilidades sociais. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 26, n. 3, set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

CIA, Fabiana et al. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 11, n. 1, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

CIA, Fabiana; BARHAM, Elizabeth Joan. Repertório de habilidades

sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 26, n. 1, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

CIA, Fabiana; PAMPLIN, Renata Christian de Oliveira; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Habilidades sociais e educação: Pesquisa e atuação em psicologia escolar/educacional. In: DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira (coord.). *Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vid.* Campinas: Alínea, 2008, cap. 6, p.113-141.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: indicadores sociométricos associados a freqüência versus dificuldade. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 7, n. 1, jun. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

DEL PRETTE, Zilda A. Pereira et al. Habilidades sociais do professor em sala de aula: um estudo de caso. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

DEL PRETTE, G., SILVARES, E., & MEYER, S. 2007 Sep 22. Validade interna em 20 estudos de caso comportamentais brasileiros sobre terapia infantil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cog-*

nitiva [Online] 7:1. Disponível: <http://revistas.redepsi.com.br/index.php/RBTCC/article/view/45/34>. Acesso em: 12 de jun. 2009.

GONCALVES, Elaine Sabino; MURTA, Sheila Giardini. Avaliação dos efeitos de uma modalidade de treinamento de habilidades sociais para crianças. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

MINTO, Elaine Cristina et al. Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 11, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 maio 2010.

MURTA, Sheila Giardini. Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

PACHECO, J. T. B., & GOMES, W. B. (1999). Estilos parentais e o desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência [Resumos]. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA (ORG.), XXIX REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA. Campinas, SP. p. 124-125.

PINHEIRO, Maria Isabel Santos et al. Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.

WAGNER, Marcia Fortes; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2010.